

# Medidas impopulares de Sarney devem imitar JK

*Celso N. Franco*

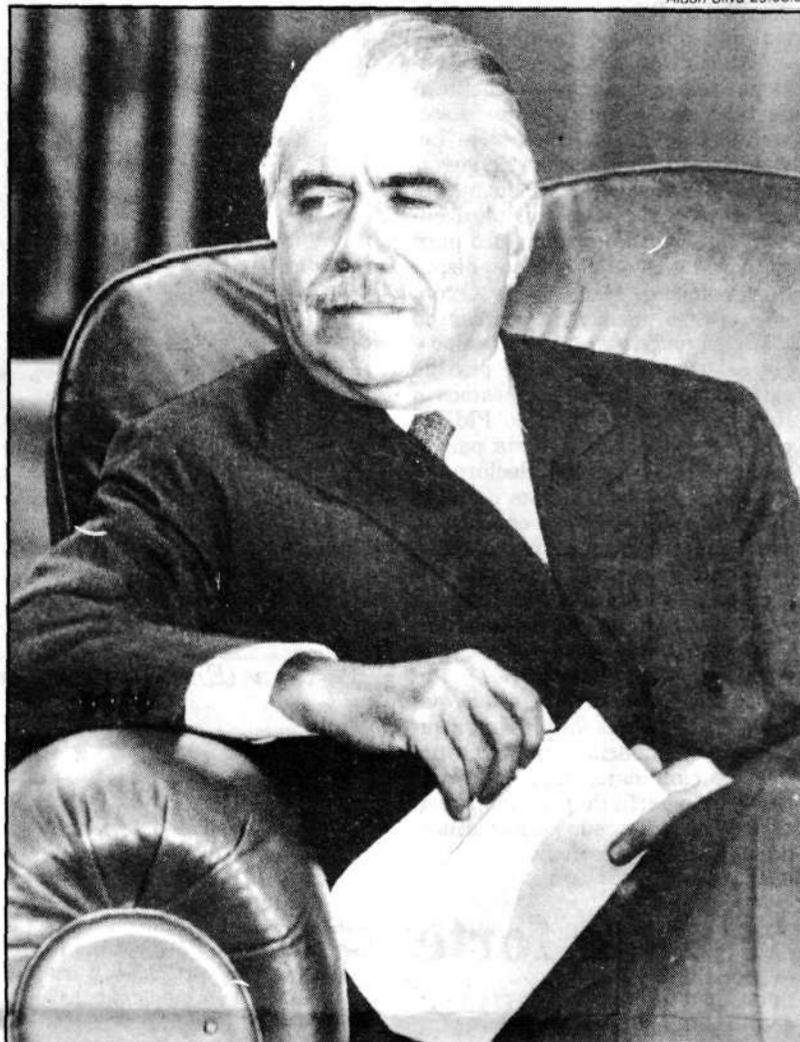
O presidente José Sarney está se mirando no exemplo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, quando resistiu até aos argumentos de seus parentes mais próximos, e se dispôs a tomar decisões impopulares (fim da URP) de combate à inflação, e a adotar medidas para controle do déficit público (reforma administrativa), que podem provocar sérias repercussões políticas.

Sarney quer sair do Governo e entrar na história. Por isso, resolveu pensar grande, abandonando a visão imediatista para colocar os olhos no futuro. Prefere receber agora as críticas por medidas impopulares de combate à inflação, e ser reconhecido, mais adiante, por haver entregue a seu sucessor um País democratizado e com as contas em ordem.

Até o fato de o ex-presidente Kubitschek ter sido eleito senador por Goiás, depois de deixar a Presidência da República, é lembrado no Palácio do Planalto, numa comparação entre o que fez um e o que poderia fazer o outro: o presidente José Sarney já foi convidado — e não descartou essa possibilidade — para voltar ao Senado representando o Estado goiano.

A hora é essa, de o presidente José Sarney, finalmente, governar o País. Até mesmo os ministros Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, e Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, embora sem sintonia, falam a mesma linguagem quando se referem à reforma administrativa pretendida pelo chefe do Governo: ela deve ser ampla, mesmo que fira interesses e provoque reações.

Alguns ministros deverão perder seus empregos. Entre os que estariam com os dias contados, fala-se em José Aparecido (Cultura), Aluizio Alves (Administração), Ralph Biasi (Ciência e Tecnologia),



Aldori Silva 29.08.88

*Sarney quer deixar o governo e entrar para a história do País*

Vicente Fialho (Irrigação), Leopoldo Bessone (Reforma Agrária).

Todos ministérios criados pela Nova República, para atender aos integrantes da obra de "engenharia política" montada pelo ex-presidente Tancredo Neves. Sar-

ney criou o Ministério da Irrigação.

Agora, a "engenharia política" da reforma administrativa, de acordo com o ministro Ronaldo Costa Couto, está sendo cuidada, quase que exclusivamente, pelo

presidente José Sarney, que se isolou na ilha de Curupu, para influir nos destinos do País e o seu próprio, nesse último ano do seu Governo.

Sarney define no Maranhão o tamanho da reforma — fala-se na extinção e fusão de ministérios; fechamento de empresas — e o Gabinete Civil cuida das formas jurídicas que embrulharão as medidas a serem adotadas pelo Governo. A informação é de que o Palácio do Planalto pretende usar todos os instrumentos à sua disposição: medidas provisórias, projetos de lei e decretos administrativos.

Quanto ao fechamento de empresas, não se acredita que o presidente da República vá praticar uma política forte de demissão de funcionários públicos, pelo preço político que resultaria disso. O remanejamento é mais provável, com a extinção, isso sim, de cargos de confiança.

É o exemplo da reforma feita por Orestes Quércia no governo paulista, após as eleições municipais. O presidente José Sarney analisou com muito interesse as medidas administrativas adotadas pelo governador de São Paulo.

O Governo, apesar de reconhecer o clima de animosidade entre o Congresso e o Planalto, aposta que o Legislativo não terá interesse em comprar uma briga com o Executivo no que se refere à reforma administrativa e às outras medidas de combate à inflação, necessárias para o reordenamento da economia.

O presidente José Sarney, nesses três anos e nove meses de Governo, já teve, tirando as interinidades e acumulações, 61 ministros de Estado, ocupando 27 ministérios. Atualmente, dois ministérios estão sem titulares: Trabalho, pelo qual responde interinamente o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil; e Minas e Energia, com Iris Rezende, da Agricultura.